

MUDANÇA SINTÁTICA E TEORIA GRAMATICAL

JÂNIA RAMOS

Universidade Federal de Ouro Preto

O problema que vou discutir aqui diz respeito à significatividade dos resultados de estudos quantitativos, tomados como investigações que visam mostrar o modo como um fenômeno de mudança/variação sintática se encaixa no sistema linguístico e social circundante.

Dois questões serão colocadas: (i) Que critérios observar para se definir que formas deverão ser consideradas como variantes num processo de mudança? (ii) Que critérios adotar para selecionar os fatores condicionadores a serem testados?

A primeira questão tem sido discutida na literatura sociolinguística com certa frequência, e continua em aberto. A segunda parece não ter merecido atenção até o presente momento.

1. Os problemas da variação/mudança sintática

O tratamento dispensado ao fenômeno da mudança/variação sintática tem sido problemático na Sociolinguística Quantitativa (SQ). Desde Sankoff (1972) sustenta-se que a metodologia da SQ, em princípio, não se restringe à variação/mudança fonológica; o fato é que as tentativas de se aplicar tal metodologia a fenômenos sintáticos têm explicitado inúmeros problemas.

É por demais conhecido o debate entre Labov e Lavandera, onde se discute a inadequação da definição de variável sociolinguística à variação sintática, devido à presença de diferenças semânticas entre as variantes e devido à ausência de estratificação social e estilística.

A definição corrente na SQ é que as variantes seriam idênticas em referência ou valor de verdade, mas opostas em sua significância social e estilística (Labov, 1972: 271). Weinreich acentuava que havia na teoria semântica uma tendência de expandir o âmbito das distinções de significado, de modo a incluir graus de ênfase, foco e estilo. A direção sustentada pela SQ seria oposta: restringindo o termo significado o mais possível,

preservando o conceito de referencial ou representacional do termo "mesma" na definição (cf. Labov, 1982:26).

Sankoff (1982) apresenta uma nova definição de variável que teria a vantagem de ser mais fiel aos propósitos da SQ, na medida em que seria particularmente reveladora, exatamente nos imprecisos limites entre o sintático e o extra-sintático. A definição seria: "uma variável são formas equivalentes que existem em fraca complementaridade durante um período de tempo" (p.681). Sobre **fraca complementaridade e equivalência**, Sankoff explica:

"If one form can fulfill the function is abundant in one segment of the community while another construction is absent or nearly so, if the reverse pattern holds somewhere else in the community, and if the two competing forms are both of moderate abundancy elsewhere, then we have weak complementarity and hence equivalence" (Sankoff, 1982:683)

O primeiro problema desta formulação é de ordem metodológica: Como operar com conceitos tão vagos como "mesma função num segmento da comunidade"? Outro problema é que a frequência das formas funciona como critério para identificar uma variável, o que implica quantificar antes mesmo de definir/identificar o que será quantificado. Além disso, não fica clara na argumentação de Sankoff a vantagem dessa definição sobre a anterior.

Além da dificuldade relativa à definição de variável, acima mencionada, outras têm sido apontadas. Uma delas é a baixa ocorrência das estruturas relevantes num 'corpus'. Como a SQ se interessa pela frequência relativa das formas em variação, a raridade ou a ausência das formas em estudo constitui uma dificuldade: Que significação atribuir a tais formas num corpus representativo de estilos diferentes ou diferentes etapas de desenvolvimento de uma língua, interroga Wald (1986).

Outra dificuldade seria reconhecer que contextos são relevantes para a ocorrência das variantes, problema esse que não se coloca quando se estuda variação fonológica (cf. Wald, op.cit.)

A descrição de uma mudança como $a > b$ é adequada à variação fonológica mas não à variação sintática. "É mais típico uma mudança sintática tornar-se estilisticamente marcada e ceder lugar a uma outra, enquanto permanece em uso nos contextos que são pesadamente regulados por fatores estilísticos; similarmente, outras formas variantes desenvolvem-se a partir de outras estilisticamente marcadas, ao invés de surgirem

do nada” (Rissanen, 1986).

Uma outra dificuldade seria a não significatividade dos resultados quantitativos como explicação de uma mudança (Romaine, 1982).

A meu ver, a fonte de todas estas dificuldades, ou pelo menos boa parte delas, é a suposição de que se pode fazer SQ sem uma teoria gramatical, mais exatamente, sem uma análise formal das variantes em estudo.

2. A situação atual

A suposição de que é desnecessária uma análise das variantes, do ponto de vista de uma teoria gramatical, transparece através de um pressuposto explicitamente assumido na SQ: “os dados falam por si”, “os dados são fontes de hipóteses”.

É oportuno ressaltar que tal pressuposto não é tão literalmente assumido quando se lida com variação fonológica. Um estudo minucioso das contribuições das diferentes teorias fonológicas ao estudo da variação já aparece em Weinreich, Labov e Herzog (1968:141-150). Certamente é essa atenção à análise formal das variantes fonológicas o que causa a impressão de que a metodologia variacionista é mais adequada à variação fonológica do que à variação sintática.

Descrever contextos sintáticos e descrever contextos fonológicos são duas atividades que, embora tenham suas especificidades - que não são poucas -, apresentam um ponto em comum: requerem um conjunto de informações definidas a partir de uma teoria gramatical.

Tanto a descrição das formas consideradas variantes como a descrição do que contar como fatores lingüísticos requer uma teoria da gramática. Se tivermos em conta que os fatores condicionadores são hipóteses sobre que estruturas ou que propriedades gramaticais afetam a realização de uma ou outra variante, então a importância de se explicitar o conjunto de informações que uma teoria gramatical pode oferecer é enfatizada, seja qual for a teoria escolhida.

Na SQ a seleção dos fatores condicionadores é uma etapa da metodologia. Como se sabe, a metodologia tem ocupado um espaço privilegiado em trabalhos desta área. Labov e seguidores, entretanto, são omissos em relação aos critérios para a seleção de fatores. Pelo contrário, sustentam que tal escolha é intuitiva “basta o pesquisador olhar para os dados para ir descobrindo os diferentes fatores” (Tarallo, 1985).

A recorrência dessas afirmações é uma evidência de que a explicitação de que teoria gramatical foi escolhida tem constituído até aqui uma etapa de menor importância. Daí a confissão de confiança no poder explicativo dos dados.

Uma vez selecionados os fatores condicionadores, passa-se à codificação e quantificação dos dados. É a análise quantitativa que vai mostrar que fatores são relevantes. Acontece, entretanto, que a quantificação em si não é capaz de dar significatividade aos resultados, se estes são tomados como fonte de informação sobre o encaixamento da variável. O que dá significatividade às tabelas e gráficos é a correlação entre os fatores considerados: a quantificação apenas explicita que fatores do conjunto total aventado mostraram-se relevantes. De fato, é a correlação entre o conjunto de fatores quantitativamente relevantes que contribuirá para explicar o fenômeno em análise.

A omissão quanto a que critérios utilizar para a seleção de fatores condicionadores leva então os pesquisadores a lançarem mão de diferentes expedientes. Um deles é considerar como ponto de partida o conjunto de fatores que, em estudos anteriores sobre a mesma variável, tenha se mostrado quantitativamente significativo, acrescentando-lhes alguns outros aleatoriamente escolhidos. Em consequência, muitas vezes as conclusões gerais sobre o encaixamento lingüístico da variável têm pouco ou nada a ver com os resultados dos fatores selecionados. Um exemplo de uma pesquisa ortodoxa seria o estudo realizado por Omena (1978) sobre as formas ele/ela, o/a e categoria vazia na posição objeto no Português do Brasil.

Um resumo desse estudo aparece abaixo.

Fator	Resultado	Interpretação
TRAÇO SEMANTICO DO SN OBJETO	FAVORECE CANCELAMENTO SE -HUMANO, -ANIMADO	-----
FUNÇÃO SINTÁTICA DO SN ANTECEDENTE	FAVORECE CANCELAMENTO SE OD > SUJ > OUTROS	NECESSIDADE DE RECUPERABILIDADE
PRESENÇA REFORÇADA (OU NÃO) DO SN ANTECEDENTE	FAVORECE CANCELAMENTO SE REFORÇADO	INFLUÊNCIA DO MECANISMO ENFÁTICO
DUPLA OU ÚNICA FUNÇÃO SINTÁTICA DO SN OBJETO	DESFAVORECE CANCELAMENTO QUANDO EXERCE DUPLA FUNÇÃO SINTÁTICA	NECESSIDADE DE CLAREZA
EXISTÊNCIA OU NÃO DE SN CONCORRENTE AO PAPEL DE ANTECEDENTE	FAVORECE CANCELAMENTO QUANDO HÁ MAIS DE UM CANDIDATO	-----

Observa-se no quadro acima a ausência de interpretação do primeiro fator, referido no texto como "um condicionamento relacionado à natureza do próprio pronome" (p.114). Quanto aos itens seguintes, são atribuídas interpretações funcionais. Há uma imbricação entre **ser recuperável e estar cancelado, ser redundante e estar cancelado**. Entretanto, no último a correlação é entre **ser ambíguo e estar cancelado**. Embora esteja contradizendo as demais, esta correlação é apresentada sem maiores comentários.

A autora investiga a atuação dos fatores acima em textos modernos e arcaicos. Observa que, nos textos arcaicos, o quarto fator exerce efeito contrário, enquanto o quinto parece não afetar a variação. Estes resultados são problemáticos para uma interpretação funcional, mas Omena se detém apenas a relatar os resultados, mantendo a interpretação.

Na conclusão, endossa uma afirmação de Mattoso Câmara, e in-

interpreta o fenômeno em análise como parte de um “conjunto de modificações que vem sofrendo o sistema pronominal português, distanciando-se das formas casuais latinas, desde os primórdios da língua. É a ação da índole analítica da língua a provocar instabilidade no sistema (...)” (p.121). Esta conclusão final não coaduna com as conclusões parciais, advindas das interpretações dos resultados da atuação de cada fator. Estas evidenciam uma hipótese funcional. O que os fatores selecionados disseram sobre a “Índole analítica da língua”???

3. Uma saída

Se aceitamos que os fatores são hipóteses sobre o fenômeno em variação, sua própria natureza exigiria que sua seleção fosse feita a partir de hipóteses mais gerais sobre a língua, e não selecionados aleatoriamente. A não ser que a identificação da força dos fatores lingüísticos só seja relevante na medida em que informariam, de modo indireto, os contextos onde a atuação de fatores extra-lingüísticos seria permitida pela gramática. Neste último caso não se colocaria como objetivo da análise variacionista o encaixamento lingüístico da variável, mas apenas o encaixamento social.

Suponhamos que as formas consideradas variantes sejam identificadas com base no conhecimento que o falante tem da língua, tomando-se como critério sua intuição sobre que formas sintáticas “dizem a mesma coisa”. Numa segunda etapa buscar-se-ia, numa teoria da gramática, uma explicação para a escolha que o falante fez. Assim, caberia à teoria da gramática responder por que o falante identifica duas formas lingüísticas como “as mesmas” como “correspondentes”, do ponto de vista sintático.

Que critérios adotar para selecionar os fatores condicionadores? Primeiro, cada subconjunto de fatores poderia espelhar hipóteses formuladas no âmbito de uma teoria gramatical. Os resultados quantitativos das tabelas, além de medir a força dos fatores, serviriam como testes para hipóteses concorrentes no âmbito de uma teoria da gramática.

Por espelhar hipóteses, o conjunto de fatores mostraria inter-relação entre si. O favorecimento (ou não) de cada fator informaria sobre diferentes aspectos do sistema lingüístico. Em outras palavras, uma hipótese sobre o encaixamento da variação no sistema orientaria a seleção dos fatores condicionadores lingüísticos.

É oportuno ressaltar que esta alternativa de abordar o fenômeno da variação não acarreta necessariamente uma limitação ao tratamento tradicional. O conjunto de fatores resultante, independentemente do critério adotado, desempenhará seu papel na metodologia. Para que esta se aplique não há restrição nem quanto ao número nem quanto à quali-

dade dos fatores. O que importa é que fatores sejam selecionados e quantificados. E isto continuará a ser feito.

4. Vantagens

Como esta alternativa de análise poderia contribuir para minimizar os problemas mencionados em (1)?

Retomemos o problema da raridade dos dados no 'corpus'. A meu ver, uma análise formal das variantes poderá contribuir para que estruturas/construções sintáticas aparentemente independentes sejam incluídas no levantamento. Vejamos um exemplo.

No estudo de variação descrito como presença de preposição (a) ou (\emptyset), introduzindo SNs complemento de V, duas descrições, pelo menos, poderiam ser adotadas:

- (i) inserção de (a) antes de SNs acusativos
- (ii) Inserção de (a) em contextos onde a presença da preposição não implica em alteração do papel temático do SN regido por V.

Cada descrição permite incluir um conjunto diferente de dados. Se (i) for adotada, as sentenças (2) e (3) ficam excluídas. Se (ii) for adotada, todas as sentenças ficam incluídas.

- (1) a. Ele assistiu ao filme
b. Ele assistiu o filme
- (2) a. Eu paguei ao banco cinco mil cruzeiros
b. Eu paguei o banco cinco mil cruzeiros
- (3) a. Ele obedece ao bispo
b. Ele obedece o bispo
- (4) a. Eu fiz ao João devolver os documentos
b. eu fiz João devolver os documentos

Outro problema intrinsecamente relacionado com este é o de reconhecer contextos relevantes. Wald (op.cit.), no seu estudo sobre conjunções no inglês, coloca a seguinte pergunta: "A ocorrência de **though** apresenta alguma relação sintática ou semântica com a conjunção **although**? Em outras palavras, a ausência de **although** no 'corpus' e a presença de **though** indica ausência de desenvolvimento semântico ou ausência de opção estilística?" Respostas para a primeira pergunta têm de ser buscadas fora do estudo da variação. Dependendo dessa resposta, a segunda então teria razão de ser.

Outros problemas mencionados inicialmente aqui foram: o da significatividade das tabelas, a adequação da definição de variável à variação/mudança sintática, e do padrão a>b. Creio que a utilização de noções desenvolvidas no âmbito da Gramática Gerativa possa trazer resultados positivos.

Quanto à significatividade das tabelas e diagramas, o estabelecimento de uma rede de relações entre os fatores lingüísticos a serem testados poderá contribuir sensivelmente. A suposição de que língua e sociedade são sistemas implica o reconhecimento de uma rede de relações entre os fatores lingüísticos e não lingüísticos, respectivamente. E ainda uma relação estruturada entre os dois sistemas. Se não se efetiva essa rede de relações, a própria noção de sistema se perde e as informações fornecidas através da quantificação não passariam de códigos à espera de decifração. Nas palavras de Lavandera, a seguinte constatação é formulada:

"I will be assigning a difficulty to such data [syntatic variation] because they need further interpretation; they do not in themselves constitute a definitive analysis" (LAVANDERA, 1978:171)

Conforme já assinalamos, um critério para selecionar os fatores seria ter como ponto de partida uma hipótese mais geral sobre a língua, formulada no interior de uma teoria gramatical.

A concepção de variação paramétrica, desenvolvida pela gramática gerativa, apresenta pontos bastante interessantes ao pesquisador que lida com SQ. Por parâmetro, entende-se um conjunto de alternativas que precisam ser fixadas para que o sistema lingüístico funcione, isto é, para que o falante compreenda e interprete sentenças. Chomsky (1988) assume que o estado inicial da faculdade da linguagem provê a mente de um formato de sistemas de regras possíveis e uma avaliação métrica que atribui um valor a cada sistema. Exposta aos dados, a mente seleciona o procedimento de valor mais alto consistente com eles" (Chomsky, 1988a: 2-3). Para que se efetive essa seleção é necessário que o falante "esteja submetido a condições normais de interação social".

A faculdade da linguagem seria então concebida como uma rede intrincada e complexa, de certo modo, associada a uma 'switch box', consistindo de um conjunto de escolhas que podem ser de uma ou outra posição. A rede fixa seria o sistema de princípios da pragmática universal; as escolhas feitas seriam os parâmetros.

Os fatos observados nas línguas seguir-se-iam não só dos princípios universais (pois estes não apresentam exceções), mas também da

combinação destes princípios com dados apresentados ao aprendiz, onde várias opções, deixadas em aberto pela gramática universal, aparecem já selecionadas. Este conjunto de opções seriam os parâmetros (cf. Chomsky, op.cit.).

Dentro dessa concepção de gramática, uma mudança lingüística é descrita como um conjunto de manifestações superficiais decorrentes de alteração de valor de parâmetro. Um ponto crucial aqui é o reconhecimento de que variações sintáticas observadas entre estágios diferentes de uma mesma língua são da mesma natureza daquelas variações observadas entre línguas diferentes num mesmo período dado.

Esta semelhança de natureza entre as variações é algo que tem sido pressuposto nos estudos da SQ, só que sempre tomando-se como escopo uma única língua.

Em estudos recentes sobre variação paramétrica, informações relativas à frequência de uma forma aparecem como um dos argumentos a favor de ter havido alteração de valor de parâmetro. A alta produtividade de uma forma num determinado período de tempo e sua baixa produtividade em períodos subseqüentes ou a não ocorrência são tomadas como evidência de alteração gramatical. Em períodos de tempo intermediários estas formas concorrem e configurariam um caso de variação. A investigação da produtividade das formas em períodos de tempo anteriores processa-se através da análise de textos de situações reais de interação social. As abstrações sociais exigidas pela GG são aqui neutralizadas. Desse modo tem-se um fenômeno de variação que interessa igualmente à SQ e a GG, sendo que o instrumento de análise é a quantificação, isto é, a avaliação da produtividade de duas formas sintáticas definidas previamente.

Quanto à definição de variável sociolingüística, uma aproximação com variação paramétrica também pode ser vislumbrada. Numa língua que exhibe o valor (-) em relação ao parâmetro do objeto nulo, a presença de um pronome ou um SN na posição sujeito não implica qualquer tipo de ênfase. O Português do Brasil tem sido descrito como uma língua que está deixando de ser língua de sujeito nulo. Mesmo permitindo estruturas com o sujeito vazio, o PB apresenta estruturas com sujeito preenchido onde tal preenchimento não implica em ênfase. Atualmente as formas (SN) ou (\emptyset) na posição de sujeito podem ser analisadas (e têm sido) como um fenômeno de variação sociolingüística e variação paramétrica.

Finalmente, o padrão a) b) pode ser identificado em processos de mudança sintática se as formas (a) e (b) forem identificadas como valores diferentes de um mesmo parâmetro, num percurso de uma mudança sintática.

BIBLIOGRAFIA

- CHOMSKY, N. (1988a) "Linguistic and Adjacent Fields: the State of the Art". Talk delivered in Israel (mimeo)
- LABOV, W. (1972) **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- (1982) "Building on Empirical Foundations". In W.P. Lehmann & Y. Malkiel (eds) **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P.C.
- LAVANDERA, B. "Where does the sociolinguistic variable stop?" In **Language and Society** 7, 171-182.
- OMENA, N. (1978) **Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: suas formas variantes em função acusativa**. Rio de Janeiro, PUC. Dissertação de Mestrado.
- RISSANEN, M. (1986) "Variation and the study of English Historical Syntax". In D. Sankoff (ed) **Diversity and Diachrony**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P.C.
- ROMAINE, S. (1982) **Socio-Historical Linguistics**. Cambridge, Cambridge University Press.
- SANKOFF, D. (1982) "Sociolinguistic method and linguistic theory". In L.J. Cohen, J. Los, H. Pfeiffer & K.P. Podewky (eds) **Logic, methodology and philosophy of science**, vol. 6. Amsterdam: North-Holland & Earsaw: Polish Scientific.
- SANKOFF, G. (1972) "Above and beyond phonology in variable rules". In C.J. Bailey & R.W. Shuy (eds) **New ways of analysing variation in English**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 44-61.
- TARALLO, F. (1985). **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Editora Ática.
- WALD, B. (1986) "Syntactic Development after Childhood. Beyond the Vernacular". In D. Sankoff (ed.).
- WEINREICH, U; W. LABOV & M. HERZOG (1968) "Empirical Foundations for a theory of language change". In W.P. Lehmann & Malkiel (eds) **Directions for Historical Linguistics**, Austin, University of Texas Press.